

Nesta lição e na seguinte nos ocuparemos mais longamente das organizações de massa mais características: os sindicatos fascistas e o *Dopolavoro* *. Falarei dos sindicatos fascistas, mesmo que isso já tenha sido feito no curso sindical, porque é impossível fazer um curso sobre o fascismo sem falar dos sindicatos. Mas, desde que vocês já estudaram este assunto, faremos este estudo de um ponto de vista político aprofundado. Isso lhes permitirá refrescar seus conhecimentos e lhes ensinará a colocar a questão do ponto de vista de seu desenvolvimento, a compreender como os sindicatos fascistas chegaram à sua forma atual através de diferentes etapas de desenvolvimento.

Os sindicatos fascistas são a principal organização de massa do fascismo. Mas não foi sempre assim. O fascismo sempre teve uma tendência para criar organizações sindicais. Mas essa tendência nem sempre se afirmou da mesma maneira. Por que há no fascismo essa tendência a criar organizações sindicais? O fascismo se colocou a questão de conseguir influenciar de modo direto e ligar a si, de modo organizado, certas camadas de trabalhadores: operários, assalariados agrícolas (*braccianti*), etc. Por isso é que o problema dos sindicatos é um problema sempre atual para o Partido Fascista.

Essa tendência do fascismo é um de seus caracteres específicos. Vocês encontram esta tendência mesmo entre os nacionalistas franceses de antes da guerra, mas eles colocavam este problema de modo diferente. Só o fascismo italiano (e os outros fascismos) apresenta o problema da criação de uma organização sindical nacional como um instrumento necessário nas mãos da reação.

A este respeito deve-se levar em conta quais são os quadros do fascismo e ver que eles provêm em boa parte do sindicalismo, que são elementos que se desligaram do movimento confederativo no tempo da cisão sindicalista e se desligaram do sindicalismo no tempo

* Sobre o *Dopolavoro*, ver a lição seguinte.

da cisão intervencionista. Esses homens tinham um conhecimento bem profundo dos movimentos de massa, sabiam como esses movimentos eram organizados. Através da elaboração de várias teorias, chegaram à concepção particular de um sindicalismo nacional, concepção que está na origem da ideologia dos sindicalistas fascistas.

Quais são as origens dessa concepção? Ela contém em forma embrionária todos os elementos que se desenvolveram depois na ideologia fascista. Em sua origem, ela continha ainda alguns restos de ideologias supostamente marxistas. Fazem-se tentativas para ligar por vias indiretas a idéia de nação à idéia de classe. Depois fala-se de nação acima das classes, e assim por diante.

Esses caminhos foram abertos aos teóricos do sindicalismo nacional, não somente por verdadeiros burgueses reacionários, mas até mesmo por homens que militavam e em parte ainda militam nas fileiras do movimento operário.

São eles que sustentam concepções sobre a Itália como nação pobre, a Itália proletária face às nações capitalistas. Essas concepções são desenvolvidas por elementos que militavam no Partido Socialista e que se tornaram depois sindicalistas: Enrico Ferri, Labriola⁴⁰, etc. Sobre essa base, quando a guerra estourou, houve uma cisão no movimento sindicalista. Os quadros que se desligaram são aqueles que colocam, no núcleo do Partido Fascista, o problema sindical e são, ainda hoje, os dirigentes dos sindicatos fascistas.

Jamais devemos esquecer que Rossoni⁴¹ foi um organizador dos trabalhadores agrícolas e que em determinados momentos seu papel foi muito importante no Vale do Pó. Não esqueçamos que Razza foi um organizador de trabalhadores agrícolas em Puglia. Não esqueçamos que Mussolini foi um chefe do Partido Socialista. Seu passado lhes dá a possibilidade de saber, melhor do que os homens de governo do passado, como se deve intervir para controlar as massas.

40. *Enrico Ferri* (1856-1929): jurista de formação positivista, foi diretor do *Avanti!*, órgão do PSI. Suas teorias de inspiração positivista tiveram larga aceitação no partido. *Arturo Labriola* (1873-1959): político de esquerda, "transformista", iniciou sua carreira como sindicalista. Durante o período fascista, emigrou para depois retornar à Itália em 1946. O *sindicalismo* é um movimento revisionista que teve em Sorel (na França e principal teórico desta posição) e em Labriola, Enrico Leone, Paolo Orano (na Itália) sua mais completa expressão. Após ter assumido posições avançadas, o sindicalismo convergiu em grande parte para o fascismo.

41. *Edmondo Rossoni*: sindicalista, dirigente da *Unione Italiana del Lavoro*, fundada em 1914 e com tendências corporativas. Rossoni, fascista de primeira hora, participante da Marcha sobre Roma, foi um dos mais ardorosos defensores do corporativismo, tendo sido chefe dos sindicatos fascistas e principal dirigente da *Confederazione Nazionale dei Sindacati Fasciste dei Lavoratori*, criada em julho de 1926.

O fascismo coloca a questão sindical desde seu início, mas não segue sempre o mesmo método. Chega à solução, ao monopólio sindical fascista, através de toda uma série de tentativas, de experiências. É a luta das massas que põe à prova de fogo as diversas experiências do sindicalismo fascista, que lhe faz buscar soluções diferentes, obriga-o a modificar sua maneira de colocar o problema sindical.

O terreno dos sindicatos fascistas é o terreno mais instável nos limites da ditadura fascista e do fascismo. Terreno mais instável porque nele as relações de classe se refletem de modo direto e imediato.

Esta é uma prova da exatidão da afirmativa leninista segundo a qual qualquer organização de massa dos trabalhadores, mesmo a mais reacionária, torna-se inevitavelmente um lugar onde se leva a luta de classes, torna-se um ponto de partida da luta de classes.

Este é nosso ponto de partida para determinar a tática de trabalho nos sindicatos fascistas.

— É interessante ver as diversas etapas no desenvolvimento do movimento sindical na Itália. É interessante fazer uma comparação entre as forças da *Confederazione Generale del Lavoro*, de um lado, e as dos sindicatos fascistas do outro, nos diversos momentos de desenvolvimento da situação italiana. É interessante comparar as cifras de antes da guerra com as do imediato pós-guerra, até 1921 e 1922, e depois com as cifras de 1923 e 1924, isto é, com as cifras que acompanham imediatamente a chegada do fascismo ao poder.

Que dizem essas cifras?

Desde logo, dizem como a CGL, que antes da guerra tinha 600.000 filiados, passou em 1919 a um milhão e atingiu em 1920 a 3.600.000 inscritos, cifra que mantinha ainda em 1921. Vemos um salto das cifras de antes da guerra para as do pós-guerra, e depois vemos um salto ainda maior de 1919 a 1920-1921. É uma tradução em termos de organização sindical das modificações da situação italiana. O ascenso das massas na sociedade italiana se faz sentir de uma maneira formidável e esse ascenso significa para a sociedade italiana, que não pode resistir a ele, que a maioria dos operários e dos trabalhadores entravam nos sindicatos de classe e *lutavam com disciplina*. É uma importante força de classe que se apresenta na cena da sociedade italiana e que, apesar dos dirigentes reformistas, luta dia após dia.

Essa modificação nas relações sociais devia levar a uma modificação das relações políticas: ou a inserção das massas na estrutura do Estado ou a ditadura do proletariado. A inserção das massas na estrutura do Estado podia ser admitida pelo capitalismo italiano. É inclusive um ponto de apoio para o fascismo. O fascismo destruiu

as organizações de classe, mas se propôs a reconstruir organizações operárias e a situá-las no âmbito da ditadura fascista. Do ponto de vista teórico geral, a questão se coloca assim: mantenhemos organizada a massa, mas infundemos às organizações um caráter reacionário.

Giolitti, por um caminho diverso, se propunha a atingir o mesmo objetivo. O caminho que ele seguia era o da corrupção dos chefes reformistas. Mas essa política giolittiana estava fadada ao fracasso, pois a pressão das massas era muito forte.

O outro caminho que se apresentava inevitavelmente era o da luta pelo poder. Quando a classe operária está organizada, quando ela adquire uma grande maturidade e suas organizações adquirem uma grande extensão, não se pode avançar sem se colocar a questão do poder. Mas quando se coloca a questão do poder, a burguesia intervém. E é então que se abre o terceiro caminho, o caminho da ditadura fascista.

As cifras indicam claramente que não havia mais de duas saídas: ou a ditadura proletária ou a ditadura fascista. Examinemos essas cifras.

Em 1920, a 31 de dezembro, entre os 2.180.000 organizados na CGL vemos uma massa compacta de 760.000 trabalhadores da terra. Seguem-se as grandes organizações dos operários da construção, dos metalúrgicos, dos têxteis, etc., que oscilam entre 140.000 e 180.000 membros cada uma. Vemos que a grande massa é representada pelos trabalhadores da terra. Esta é a estrutura social da *Confederazione Generale del Lavoro*, estrutura que teve um peso decisivo nas modificações posteriores.

No segundo momento, imediatamente após a tomada do poder pelo fascismo, as cifras confederativas oficiais do fim de 1923 dão um total de 212.000 inscritos. Se fazemos uma análise desses 212.000 inscritos, vemos uma coisa impressionante: os 760.000 trabalhadores da terra estão reduzidos a 20.000. Aquela força imponente desapareceu quase completamente.

E vejamos agora as cifras das organizações sindicais fascistas. Antes de tomar o poder, o fascismo contava com 558.000 inscritos em suas organizações sindicais, dos quais a metade — 276.000 — vinha da agricultura. Os sindicatos fascistas contavam, em 1924, 1.764.000 inscritos; entre eles, os trabalhadores da terra eram 694.000. São números criticáveis, que se pode demonstrar como não verdadeiros. Subsiste no entanto um fato fundamental: a transferência de inúmeras organizações para o terreno dos sindicatos fascistas. Foi o golpe principal dado pelo fascismo na *Confederazione Generale del Lavoro* no campo, nas organizações dos assalariados agrícolas (*braccianti*). E é nesse terreno, mais do que em outra parte, que

o fascismo pode gabar-se de sucesso. Essa gabolice tem certa relação com a realidade. As cifras não são dadas ao acaso. Elas refletem realmente um deslocamento de classes no campo, um deslocamento de certas massas do campo para a organização sindical fascista. Para compreender melhor esse fato, deve-se considerar que nessas suas organizações sindicais o fascismo conta também com parceiros, foreiros, etc.

Passemos agora a 1924, ao primeiro período da ditadura. Como se colocava então a questão sindical?

Aparentemente, exteriormente, digamos, o problema sindical foi colocado em termos de concorrência com os outros sindicatos. Num primeiro período, até o momento da marcha do fascismo ao poder, esse movimento não consegue nada. Havia alguma coisa aqui e ali, mas isso não resolvia o problema da conquista da massa. Essa conquista só começa após a tomada do poder, quando, embora exteriormente seja conservado o aspecto de concorrência, de fato intervém a pressão da organização estatal. Um fenômeno extremamente interessante desse período é o deslocamento das cifras em proveito dos sindicatos em todas as categorias. Uma boa parte dos organizados passam para os sindicatos fascistas. A *Confederazione Generale del Lavoro* perde muito de suas forças. Uma parte da massa permanece na organizações católicas. Mas estas, hoje, não nos interessam.

Mas quem dirigiu as greves nesse período? Quem tinha em suas mãos a maioria das comissões internas? Era a CGL.

O que significa isto? Significa que os sindicatos de classe mantiveram o núcleo dos operários mais avançados, a estrutura da organização. E a massa, mesmo a que passou para os sindicatos fascistas, continua a ser dirigida pela CGL. Por exemplo, os metalúrgicos que ficaram na FIOM⁴² são 10.000. Mas esses 10.000 formam um núcleo que tem uma grande influência sobre todos os outros metalúrgicos que, mesmo não trazendo mais no bolso a carteira da CGL, seguem ainda as suas diretrizes.

Vejamos a greve dos metalúrgicos da FIAT em 1925. A iniciativa foi tomada pelos sindicatos fascistas. Eles conseguiram reunir em suas fileiras alguns milhares de operários sobre a base da concorrência e agora, sempre sobre a mesma base, tentam conquistar a massa com reivindicações salariais e com reivindicações de aumento das empreitadas. Essa tentativa é imediatamente frustrada. Por que? Porque o núcleo dirigente sindical, que em Turim era comunista, coloca com justeza a questão: vocês falam assim? Querem fazer greve? Está bem, façamos greve. A greve é decretada e passa para o comando da FIOM. Eis aí um fenômeno de utili-

42. Sigla da *Federazione Italiana dei Operai Metallurgiche*.

zação das possibilidades legais cujo estudo é muito interessante. Ele demonstra que sobre a base da concorrência o sindicalismo fascista não pode se desenvolver.

A mesma coisa se dá com as eleições das comissões internas em todas as fábricas da Itália. Não me recordo de que exista um único caso em que os sindicatos fascistas tenham obtido a maioria. Eles sempre foram derrotados, recebendo uma porcentagem mínima dos votos. Apenas em um ou dois casos eles tiveram porcentagens elevadas: por exemplo, quando fizeram aliança com os reformistas na FIAT Lingotto em fins de 1925. Naquele momento, os comunistas já tinham ficado sozinhos e tinham perdido em 1923 a direção urbana da FIOM.

Um outro fato decisivo a considerar, para compreender o desenvolvimento dos sindicatos fascistas, é o da influência que eles conseguiram ter na massa através da organização. Não devemos esquecer isto. Mas não devemos também esquecer a grande resistência que opuseram os trabalhadores antes de aderir aos sindicatos fascistas. Isto indica que temos um terreno favorável ao trabalho nesses sindicatos.

Não se deve considerar os sindicatos fascistas como um bloco sem contraste, sem contradições. Os sindicatos fascistas representam um terreno em que assistimos ao desenrolar de lutas contínuas, onde assistimos a uma modificação contínua das relações de classe e das formas de organização.

O fascismo não podia resolver o problema sobre o terreno da concorrência. Tampouco o conseguiu com a ajuda dos reformistas. O fascismo via que, embora tendo sua própria organização, não conseguia dominar as organizações de classe. Logo que surgia um conflito, os sindicatos fascistas eram deixados de lado e a luta continuava sob a direção dos comunistas. Houve tentativas de dar vida aos sindicatos fascistas através de um acordo com a direção da CGL. Vocês podem assim explicar a transformação que se processou na organização da CGL, de 1923 a 1926. A CGL de 1926 não é mais aquela de 1922. Do ponto de vista organizativo, ela é completamente diferente. Ela já está fascistizada. Ela não é mais nem mesmo aquela do Convênio de Verona onde, apesar de tudo, conseguimos conquistar uma minoria de 800.000. Em 1923, no Convênio confederativo de Milão, isso não é mais possível. Foram mudados os estatutos da CGL. Em 1924 toda a organização se burocratiza, se organiza de cima. Isto se dá no momento em que a burguesia cria seus sindicatos reacionários. Os chefes reformistas da CGL seguem o mesmo processo que a burguesia e, muitas vezes, oferecem-lhe seus serviços. Tampouco nesse terreno o fascismo pode resolver o problema.

Apesar da transformação da *Confederazione Generale del Lavoro*, apesar dos truques que ela inventa, a massa dos inscritos, o núcleo de que falamos, sempre cai sob a influência dos comunistas. Este é um momento decisivo. As leis de exceção sobrevêm quando os chefes já estão completamente fascistizados e a revolta da massa a leva em direção aos comunistas.

É por isso que o 20 de fevereiro tem para nós uma importância enorme. *Ele marca o desligamento da massa da linha de desenvolvimento seguida pelos chefes reformistas. É por isso que o 20 de fevereiro tem um valor político e histórico extremamente importante.*

Aos sindicatos fascistas, diante da impossibilidade de resolver o problema no terreno da concorrência, mesmo com a ajuda dos reformistas, resta apenas uma saída: passar para o terreno do totalitarismo. E então temos a série de leis sindicais fascistas: o pacto do Palácio Vidoni, a lei de 3 de abril de 1926, a *Carta del Lavoro*⁴³, etc. Essas leis instaurarão o monopólio dos sindicatos fascistas.

Naquele momento, os sindicatos fascistas tornam-se a única organização de classe legal, a única organização que pode firmar contratos de trabalho. Resta o direito de constituir sindicatos de fato, sem que estes, no entanto, possam concluir contratos de trabalho. Mas este direito não pode se traduzir em atos.

Diz-se que houve um único caso de criação de sindicatos de fato. Deve-se lembrar, a este respeito, que os católicos conservaram até há dois anos atrás, nos limites da Ação Católica, organizações de tipo sindical que se chamavam grupos de estudo. Essas organizações subsistiram até o último conflito entre a Igreja e o fascismo.

Quando o fascismo instaura o totalitarismo no domínio sindical, o problema é resolvido. Mas ele volta a apresentar-se sob novas formas. Vemos uma mudança de aspecto bem característica.

Num primeiro período todos os esforços do fascismo tinham sido endereçados para destruir as organizações de massa classistas. Agora seus esforços se orientam para a criação de organizações de massa fascistas. Esta mudança é visível particularmente nos sindi-

43. O pacto do Palácio Vidoni, celebrado a 2 de outubro de 1925, foi um acordo entre os sindicatos fascistas e a *Confindustria* (Associação Nacional Italiana de Fabricantes), no qual eram reconhecidos apenas os sindicatos fascistas, que renunciavam às greves e às uniões sindicais. O pacto destruiu a posição da CGL e a dos sindicatos católicos, abolindo as comissões operárias de fábrica. Em 3 de abril de 1926, a Lei Rocco regulou juridicamente as relações trabalhistas, suprimindo o direito de greve. A *Carta del Lavoro*, decretada em 21 de abril de 1927, completou a regulação corporativa das questões sindicais e trabalhistas: com ela, as corporações convertem-se em órgãos estatais e o trabalho passa a se submeter a uma ação combinada com o capital. Todas estas leis destruíram o movimento operário livre na Itália, colocando todos os aspectos do movimento sindical sob um rígido controle estatal.

catos. Através dos números vocês poderão ver extinguirem-se as velhas organizações sindicais de classe e desenvolverem-se as organizações fascistas.

Não me estenderei sobre os detalhes do pacto do Palácio Vidoni e da lei sindical de 1926. Vocês acharão o necessário no material.

É preciso observar que a organização sindical após a lei de 1926 não é uma organização uniforme. A primeira observação a ser feita é a grande diferença que existe de uma categoria para outra. De uma categoria para outra, o sindicato fascista é uma coisa diferente. Isto se relaciona com o fato de que em certas categorias o fascismo conseguiu criar seus próprios sindicatos, através da *fusão* com os velhos sindicatos de classe, e apoderar-se completamente do aparato da Confederação preexistente. Em outras categorias, ao contrário, a organização de classe foi *destruída* completamente e o sindicato fascista foi estruturado *de novo*.

Um exemplo do primeiro gênero nos é dado pelos tipógrafos. Entre os tipógrafos, os fascistas não conseguiram demolir a organização confederativa. A organização confederativa manteve por muito tempo seus próprios quadros e o número dos inscritos. A origem da resistência da organização dos tipógrafos deve ser atribuída a seu caráter corporativo. Que aconteceu? Aconteceu que ela se passou de armas e bagagens para o fascismo. Pode-se dizer que não há um só tipógrafo que não tenha entrado para as organizações sindicais fascistas. Nossas tentativas para construir uma organização de classe dos tipógrafos depois de sua passagem para o campo fascista não obtiveram êxito. Essa organização passou-se inteiramente para os sindicatos fascistas porque as formas de organização dos tipógrafos permitiam essa passagem. O mesmo se deu com os vidreiros, os chapeleiros e algumas outras categorias de caráter corporativo.

Mas quando nos voltamos para os metalúrgicos, os químicos, os têxteis, numa palavra, para aquelas categorias que tinham uma organização de base classista, o problema que se coloca é o de destruir a organização e de criar outras.

Na organização fascista dos tipógrafos vocês não encontram grandes modificações na base. Conservaram-se as mesmas formas de organização. Conservou-se a sede. Conservou-se também o sistema de coletores, da divisão em categorias e subcategorias, do controle sindical para a passagem de uma categoria para outra, etc. Tampouco se modificou a estrutura do contrato de trabalho. Não se pode dizer o mesmo para as outras organizações.

Uma segunda observação refere-se às modificações por que passaram os sindicatos fascistas, ao longo de seu desenvolvimento em 1926. Os sindicatos fascistas mudaram de forma quatro ou cinco

vezes. Sua forma atual é o resultado de toda uma série de tentativas e de lutas. Em 1927, os dirigentes dos sindicatos fascistas queriam criar uma organização dos trabalhadores análoga à *Confederazione Generale del Lavoro*. A estrutura deveria basear-se nas federações de ofícios, que depois se unificariam numa confederação, na Confederação dos Sindicatos Fascistas⁴⁴. Foi naquele momento que cometemos nosso maior erro no que se refere ao trabalho nos sindicatos fascistas.

Essas organizações, pelo simples fato de terem a mesma estrutura que as organizações confederativas, abriam possibilidades de trabalho que depois não mais se apresentariam. Apenas agora é que elas começam, em parte, a se apresentar de novo. Em 1927-28, os sindicatos fascistas estão em crise, sem que tenham desenvolvido neles qualquer trabalho. Os sinais dessa crise são dados pela discussão sobre os delegados de fábrica, sobre o modo como se desenvolveu o Congresso de Roma dos sindicatos fascistas em 1928, etc.

Sobre o problema dos delegados de fábrica, vemos que os sindicatos fascistas não somente queriam continuar a trabalhar com as formas de organização da Confederação Geral do Trabalho, como também reivindicavam os mesmos direitos que ela. Eles queriam ter uma representação na fábrica, coisa que o pacto do Palácio Vidoni, ao contrário, proibia. Não é permitida qualquer organização na fábrica — dizia o pacto. Ele colocava, assim, o problema da destruição das comissões internas. Os dirigentes fascistas exigiam conseqüentemente, naquele momento, uma revisão do pacto do Palácio Vidoni. A arbitragem de Mussolini interveio então e foi favorável aos patrões. Mussolini diz: na fábrica deve haver um único poder.

O Congresso de Roma apresenta contudo aspectos consideravelmente interessantes. Os funcionários fascistas, que jamais tinham sido por nós trabalhados, falavam naquele congresso da mesma forma como dizemos hoje aos nossos companheiros para falar nos sindicatos fascistas. Eles fizeram uma dura crítica das medidas tomadas pelos patrões.

É preciso transformar radicalmente a estrutura dos sindicatos fascistas para transformá-los num instrumento de controle. A partir desse momento começam inúmeras transformações. Elas se referem sempre ao problema do funcionamento dos sindicatos locais.

Num primeiro momento, os sindicatos estavam baseados nas organizações locais. Depois, estas foram deixadas de lado e os congressos passaram a realizar-se em bases regionais. Assim, com contínuas oscilações, chegamos ao fim de 1932. O aparelho dos

44. Referência à *Confederazione Nazionale dei Sindacati Fascisti dei Lavoratori*, criada em 1926 e dirigida por Rossoni.

sindicatos fascistas tende a romper a disciplina do esquema da organização fascista e a criar sindicatos locais. Há uma tendência nos sindicatos fascistas a reivindicar sempre uma representação sindical na fábrica e a conquistá-la de fato. A representação sindical fascista de fábrica tende a generalizar-se, e encontrámo-la quase por toda parte. *O terreno mais incômodo para os sindicatos fascistas é o dos sindicatos locais e o dos delegados de fábrica (fiduciari di fabbrica *)*.

Em 1932 e 1933 é assestado um sério golpe contra as organizações locais e contra os delegados de fábrica. Isto se deu com a lei de janeiro de 1933, resultado de uma série de medidas tomadas em 1932 para reprimir os movimentos de massa, que tendiam a desenvolver-se dentro dos sindicatos fascistas.

Falou-se que era o fim do sindicalismo fascista. Não é verdade, ou melhor, só é verdade se tomamos essa afirmação ao pé da letra. Após a lei, os sindicatos fascistas continuaram a existir, os problemas continuaram a existir. Expressão disso é a lei de setembro de 1934.

Nessa lei, o sindicato local é reconhecido, sendo-lhe atribuída a função de concluir em primeira instância os contratos de trabalho. Toda a organização sindical fascista é reconstruída sobre o princípio da elegibilidade das funções exercidas na base. Antes, os cargos eram conferidos de cima. Agora os dirigentes, essencialmente os delegados de fábrica, o secretário e os diretores dos sindicatos locais, são eleitos nas assembleias dos associados.

Eis o ponto que mais nos interessa. Por que essas transformações ocorreram em 1934?

A explicação deve ser a seguinte: nesse momento, o fascismo se propõe a tarefa de organizar o Estado corporativo, e a lei sindical de 1934 é um dos elementos dessa organização. Ela foi feita com o objetivo de dar a impressão de que o Estado corporativo se organiza numa base democrática ou supostamente democrática. É isto justamente quando se põe de lado qualquer forma de democracia burguesa, quando se fala de eliminar o parlamento, quando se dá o segundo plebiscito. O fascismo modifica a estrutura sindical procurando manobrar para se aproximar da massa.

Neste estudo vocês devem fazer uma comparação entre as leis mais importantes. A lei de 1933 é ainda uma lei de luta, mas uma lei contra as tentativas dos trabalhadores de exprimir seus interesses no próprio seio dos sindicatos fascistas. A lei representa agora o máximo de burocratização dos sindicatos. Em 1934 temos

um outro ziguezague, uma outra tentativa de conseguir, com formas mais "democráticas", estabelecer um contato mais estreito entre a massa e os sindicatos.

Quais são os pontos mais fracos nos sindicatos fascistas, os pontos nos quais devemos concentrar nosso trabalho?

São essencialmente três: 1.º) a fábrica e a representação sindical de fábrica; 2.º) o sindicato local e a assembleia dos sindicatos; 3.º) a conclusão de um contrato de trabalho.

O fascismo discute continuamente esses pontos, muda continuamente suas formas de organização. É aí que devemos concentrar o nosso trabalho.

Deve-se levar em conta que, mesmo depois das últimas medidas, o sindicato fascista não se apresenta do mesmo modo em toda a Itália. Nossos companheiros de base e os instrutores em seus informes nos indicam que entre as várias regiões existem notáveis diferenças. É inútil multiplicar os exemplos, vemos que na base há sempre algo de diferente. Isto é importante para determinar nossa posição.

Por exemplo, a respeito da assembleia sindical. Devemos comparecer ou não? Antes, o nosso Partido dava a diretiva de boicotar. Em certas cidades, os sindicatos fascistas tiveram que obrigar os operários a permanecer na assembleia. Hoje afirmamos que devemos comparecer. Hoje os fascistas não obrigam a ir à assembleia. Há uma tendência a comparecer espontaneamente. Mas, no material do Partido que recebemos do Sul e mesmo de algumas localidades do Norte, acontece que o problema é colocado tal como em 1927. Vocês encontram uma massa que ainda se recusa a ir à assembleia e assume uma atitude abstencionista.

Numa assembleia, por exemplo, um orador interrompe seu discurso alguns instantes para retomar fôlego, e os operários, fingindo acreditar que o discurso acabou, vão-se embora. Trata-se de uma manifestação, mas de uma manifestação de resistência passiva. Aí não há luta. Em Nápoles, por exemplo, convocam-se assembleias dos sindicatos em que propagandistas, membros dos grupos universitários fascistas, vêm fazer seus discursos. Lá não se reúnem para discutir questões de trabalho. Que devemos fazer? Devemos transformar essas assembleias em assembleias nas quais se discutam problemas sindicais. Os camaradas, ao contrário, assumiram uma atitude de sabotagem. Organizam aplausos fora de hora para desconcertar o orador, entravam de todas as maneiras a boa marcha da reunião, etc. Em Puglia, a assembleia sindical jamais é convocada. Tomam-se medidas, ao contrário, para impedir que os trabalhadores entrem em grupo na sede do sindicato. Aí surge um novo problema. Que

* O termo *fiduciario* (homem de confiança encarregado da vigilância) diz respeito também ao funcionário do Partido Fascista voltado para a instrução militar e para a inspeção disciplinar.

devemos fazer? Acho que devemos reclamar, junto ao sindicato fascista, para que a assembléia tenha lugar. Devemos dizer ao dirigente: nos conta como é que tens defendido nossos interesses. Mas passemos à frente.

Não apenas em lugares diferentes, mas também num mesmo lugar há formas diferentes. Em La Spezia, por exemplo, depois das manifestações do ano passado, as assembléias sindicais fascistas foram proibidas. Desde então, os camaradas não souberam avançar e interromperam sua ação. O que devíamos ter feito? Nós é que devíamos convocar as assembléias através de elementos preparados para tanto.

A adaptação de nosso trabalho às formas de organização e de vida dos sindicatos fascistas é uma das coisas mais difíceis. Nesse domínio se cometem inúmeros erros e deficiências.

Outro ponto fraco é representado pela assinatura dos contratos de trabalho. Quem deve firmá-los? Segundo a lei, o sindicato local. Mas isto não ocorre. Há uma tendência a firmar contratos de trabalho em escala regional e depois levar o contrato ao Conselho das Corporações, para ratificação. Aqui está um outro campo para o nosso trabalho. Mesmo aqui o terreno varia. Quando o contrato de trabalho é feito em escala regional, devemos colocar a questão: queremos que o contrato seja feito para a localidade. Aí não estamos no terreno da lei fascista, mas partindo desse terreno conseguimos aguçar as contradições dentro das organizações fascistas e mobilizar as massas.

Mas o eixo principal de nosso trabalho nas organizações sindicais fascistas é representado pelo delegado de fábrica (*fiduciario di fabbrica*) fascista. É preciso exigir que esse delegado exista e seja eleito.

Existem cláusulas nos contratos de trabalho que é interessante conhecer. No contrato da FIAT, por exemplo, são permitidas comissões operárias para o controle da aplicação das empreitadas. Nossos companheiros nunca perceberam isso. E, no entanto, esse é um problema muito importante.

Nesse terreno devemos partir, quando necessário, até mesmo das formas mais atrasadas, impondo simplesmente, se for o caso, um coletor sindical. Depois, a partir do coletor, ampliando suas funções, deve-se tender a criar um delegado sindical.

Toda vez que colocamos essa questão, o problema muda de figura, coloca-se de modo mais agudo e o fascismo é obrigado a suprimir as disposições precedentes.

Devemos sempre lembrar, em nosso trabalho de exploração das possibilidades legais dentro dos sindicatos fascistas, que essa organi-

zação representa um complexo de relações de classe e que é concebida pelo fascismo de maneira diferente nos diversos períodos de seu desenvolvimento, e, no mesmo período, segundo as diversas situações que deve enfrentar em cada localidade.

Mas sobre isso nos deteremos mais longamente no decorrer das lições.